

"Entra vivo, sai morto"

23/10/83

Domingo p. 7

• Relato de Rui Nóbrega, 45 dias cativo dos bandos armados

«Pensel que ia acabar ali mesmo» — relata Rui Nóbrega, nacionalidade angolana, 45 dias de cativo nas mãos dos bandos armados.

Rui Nóbrega, 26 anos, mecânico de profissão, foi capturado na companhia de sua mulher, quando fazia de «jeep» o percurso Mocuba-Mugeba, Província da Zambézia, em finais de Junho.

«Fomos apanhados a dois quilómetros de Mugebas», conta Rui Nóbrega, que há 16 anos abandonou a Cidade de Lubango, no Sul de Angola, para se fixar com a família na Zambézia.

Rui é o filho mais velho da família Nóbrega, muito conhecida na região. São sete, a mais nova, uma menina com dois anos. A mãe faleceu há um ano no hospital de Momba com um ataque cardíaco. O pai trabalhava nas minas de Morrua. Está reformado e vive em Quelimane.

O grupo de bandidos que fez a emboscada embrenhou-se no mato e deteve-se pouco depois numa pequena elevação — uma colina de fumo negro junto à estrada dava conta do destino do carro.

Em marchas forçadas caminharam durante três dias.

«Andávamos durante todo o dia apenas com uma curta paragem quando o calor apertava mais — afirma Rui Nóbrega.

Aparentemente, a decisão de manter o casal cativo veio via rádio. Ao longo do percurso, alguns bandidos destacavam-se do grosso da coluna para fazerem assaltos à população — comida e aguardente de cana, popularmente conhecida por «cachação».

Pensel sempre fugir, mas era difícil. A minha mulher estava grávida e mesmo quando fazia as necessidades mandavam guardas atrás — diz Rui Nóbrega, longa experiência no mato acompanhado, o pai que era caçador.

«Entra vivo, sai morto» — estava escrito na choupana de colmo que lhe destinaram no acampamento onde cumpriu três e meio dias de cativo. Naquele momento achel que não teria mais tempo de vida.

O acampamento era constituído por cabanas precárias que se espalhavam num diâmetro de aproximadamente um quilómetro.

«Só o chefe e os seus guardas tinham casas melhores.

O dia a dia no cativo não era muito variado. A maior parte dos homens passava o dia bebendo «cachação», fumando suruma,

dançando ao som dos «xiricos» ou de gira-discos, provenientes de assaltos nas redondezas.

«Uma das diversões deles era andar de moto — recorda Rui Nóbrega, abanando a cabeça.

«Avariavam-nas e depois queriam que eu as consertasse. Sabotei tudo, metendo petróleo nos autolubers.

Durante o tempo que passou no acampamento, disseram-lhe por vezes que iria ser trocado com a «UNITA», outras vezes lançavam-lhe vagas propostas de aliciamento.

«Tentava sempre aproveitar o estado deles para obter informações para a minha fuga. A minha mulher fazia as perguntas e eu dentro da cabana recolhia os dados para fazer um pequeno mapa.

As bebedeiras colectivas acabavam em estado de prostração ou pancadaria na disputa das mulheres disponíveis.

A maior parte dos elementos não é da Zambézia. Tinha atravessado o rio Zambeze, provenientes de Manica e de Sofala, no Centro do País. Elementos recrutados localmente eram jovens raptados das escolas ou criminosos saídos das cadeias.

Perante a iminência de um ataque, uma das reacções era o choro convulsivo dada a dificuldade de uma retirada para Sul ou misturaram-se com a população local.

«Muitas noites dormiam com a arma e mochila às costas preparados para fugir.

As mulheres «utilizadas» na base não eram provenientes das redondezas — eram 10 as jovens raptadas por quem se degladiavam os homens.

«Havia muitos espancamentos. Quando alguém se metia com mulheres das redondezas ou quando não entregavam os produtos dos saques aos chefes — diz o jovem angolano.

A alimentação contida não era a melhor — a água cheirava mal e a carne desfazia-se na boca de quem se estava.

A mulher de Rui Nóbrega, agora no quarto mês da sua gravidez,

está a ser tratada de uma anemia contraída durante o período de cativo.

«Ela passou mal. Um mulato que fazia de enfermeiro mostrou-me o lugar onde guardavam os medicamentos roubados para eu escolher o que melhor servisse.

Este indivíduo esteve preso na Cidade da Belra por contrabando ao longo da costa de Sofala.

«Era muito triste o que assistíamos. Pessoas mesmo primiti-

parte, só se expressava em chissena e ndau.

São normalmente os jovens raptados das escolas que são utilizados como secretários, redigindo relatórios e preparando as mensagens para serem enviadas por rádio.

Rui Nóbrega nunca teve evidências de envolvimento directo de sul-africanos nas operações. «Mas os chefes foram treinados na África do Sul.

Explorando os ressentimentos latentes entre os chefes alfabetos e os subordinados com alguma escolaridade, uma noite um dos indivíduos que afirmo ter estu-

Cristina e Afonso Diakhama abraçados.

«Este é dos nossos — comentou, apontando para Cristina, acrescentando: é muito amigo do nosso presidente.

Aparentemente, ninguém sabia que Cristina tinha sido morta no mês de Abril, perto de Pretória.

«Eles só ouviam a Rádio RSA. Da BBC não gostam porque dá as coisas mais abertas — comenta Rui Nóbrega.

Várias vezes o nosso interlocutor, durante a sua detenção, se apercebeu de saídas para ataques, sempre com grupos numerosos. No regresso, nunca voltavam com os mortos. As baixas são enterra-



RUI NÓBREGA

vas usavam punhidos e sapatos de salto, outros vestiam babetas de crianças ou gravata em tronco nu. Nunca tomavam banho e tinham muitos piolhos. Doenças venéreas era mal.

O óleo retrido dos carros incendiados servia para utilizar nos cabelos, fazendo tranças. Os chefes da base, embora tivessem recebido preparação militar, não sabiam ler nem escrever e a maior

dado num seminário abeirou-se de Rui Nóbrega para lhe dizer que havia muitas injeções no grupo contra os que «sabiam mais».

«Mas esta luta não é dirigida por eles, é uma luta controlada por brancos — disse-lhe o ex-seminarista.

Numa outra ocasião, entre a euforia do álcool e da suruma, o chefe da base mostrou-lhe uma fotografia onde se viam Orlando

das pelo caminho. Na base a informação é de que foram transferidos para outro local.

«Quando se preparam para os ataques fumam muito e os feiticeiros fazem um ritual, convencendo-os que são imunes às balas.

Depois de mais de um mês na base, Rui Nóbrega tinha já um plano de fuga arquitetado.

«Se houvesse um ataque à base seria mais fácil. Eles têm instruções para fugir quando atacados.

Rui Nóbrega tentou levar consigo, um técnico de chá do Sri Lanka, Cirilo Pontassoma, que foi capturado nas plantações de facuena há 11 meses. Este homem de 60 anos já foi companheiro de cativo dos técnicos búlgaros, libertados no ano passado pelo Exército moçambicano.

«O velho sofre de artrite e não vê nada à noite — diz Rui Nóbrega.

A 10 de Agosto, a coberto da noite o jovem casal empreende finalmente a fuga. Rui cobre a cabeça com um lenço e tira os sapatos.

«Descansávamos de dia e andávamos à noite. No terceiro dia, comemos pela primeira vez, arrancando mandioca de uma machamba.

No dia seguinte, ouvindo o ruído de um helicóptero, aproximaram-se da estrada tendo sido recolhidos pelos trabalhadores de uma serração.

Neste momento, Rui Nóbrega não trabalha.

«Deram-me férias para descansar — afirma.

Planos imediatos; pensa continuar a trabalhar na Empresa Pequénia Estatal, como mecânico, enquanto espera com ansiedade o nascimento do seu quarto filho.

Quando a Angola, ainda não perdou as esperanças de um dia voltar a Lubango.

«É linda aquela cidade — diz com ar sonhador.



RUI NÓBREGA: 45 dias de horror num acampamento dos bandos armados